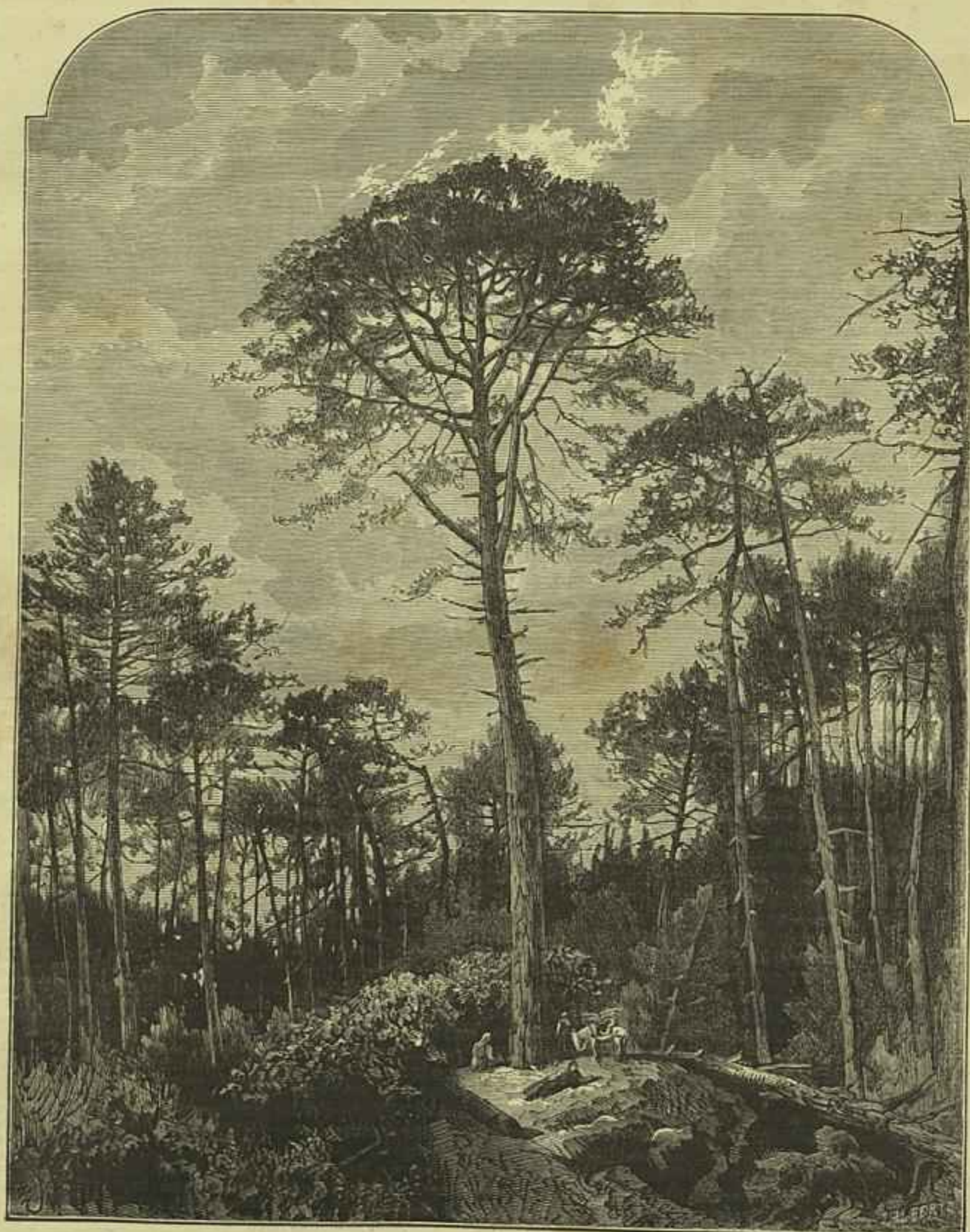


OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semestre 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 78 21 DE FEVEREIRO 1881	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LOURO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porta, moeda forte)	28800	16900	8950	120		<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.</p> <p>É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.</p>
Possessões ultramarinas, (idem).....	48000	28000	-3-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios).....	52000	30500	-5-	-6-		
Brazil (moeda fr. ca.).....	150000	78500	-5-	-8-		

PORTUGAL PITTORESCO



PINHAL DE LEIRIA (segundo uma photographia de Figueiredo)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Pinhal de Leiria, C. A. SOUSA PARENTAL — Um Martyr, MANUEL M. RODRIGUES — A ultima enchente no Douro, MANUEL M. RODRIGUES — Cruz de D. Sancho I, RODRIGO V. D'ALMEIDA — Paços do concelho da Ilha de S. Vicente, J. CESARIO DE LACERDA — Um desenho inédito de Barbosa Lima, XAVIER DA CUNHA — Nos theatros, CARLOS DE MOURA CABRAL — O Nursery, ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO — Publicações.

GRAVURAS. — Pinhal de Leiria — Um Martyr, quadro de J. Victorino Ribeiro — Inundações no Douro, Porto, Aspecto da Ribeira por occasião da ultima cheia — Cruz de D. Sancho I — Inscripção da cruz de D. Sancho I — Cabo-Verde, Paços do concelho da Ilha de S. de Vicente — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Vão ter os meus leitores, uma grande decepção com esta chronica. Estamos a cinco dias de carnaval, os *pierrots* reles atravessam enlameados as ruas encharcadas e entram na Trindade, actualmente o unico refugio d'essa enorme sensaboria conhecida no mundo dos pseudo-deverimentos pela alcunha de *chaile* de mascarase, os dominós de setim cõr de rosa passam em carruagens fechadas, confortáveis e vão dançar, rir, divertir-se para as *soirées costumées* do bom tom, as bisnagas tem grande consumo, as caraças vão armar *crispelas* pelas caras dos divertidos cá da terra, os jornaes limpam com bensina as suas velhas graçolas carnavalescas, ariam os arreios das suas facecias mais scintillantes, pucham o lustro á sua *tee* da estação, e naturalmente o leitor esperava que nós fizéssemos hoje uma chronica alegre, que tentássemos ter immenso espirito, que escrevéssemos em papelinhos multicolores, que orvalhassemos a nossa prosa com os perfumes vadios das borrachinhas carnavalescas, que empoássemos graciosamente as nossas phrases, para dansarem um can-can desvolto em quanto os mascarados chiam sensaborias imbecis nos bailes publicos, e nas ruas os gallegos soturnos tocam castanholas e dizem facecias libertinas ás criadas de servir que os espreitam rissonhas, interessadas, da janella da cosinha.

Pois estava completamente enganado o nosso bom leitor. A nossa chronica é muito menos uma chronica de carnaval do que uma chronica de quarta feira de cinzas.

Podia perfeitamente começar assim, como um bello e substancioso sermão de quaresma, de lição salutar: — *Memento homo!*

Senão vejamos; São duas historias tristes. Um homem accorda um dia a abarrotar de talento. Sente lá dentro a tumultuarem-lhe no cerebro uma immensidade d'operas, armadas de ponto em branco, como a velha minerva mythologica saiu da cabeça de Jupiter. Ora se ter recolhido muito tempo no espirito um soneto, um folhetim, uma comedia, não é facil, — e por isso vemos por ahi tantas comedias, tantos folhetins e tantos sonetos que só tem esta explicação da sua existencia — um bom par d'operas instrumentadas é uma bagagem insoffrivel dentro da cabeça mais bem organizada. Esse homem teve a necessidade terrivel, implacavel, inadiavel de fazer musica, como nós temos a necessidade implacavel de jantar todos os dias — jantar todos os dias não é das coisas mais facis a toda a gente, é verdade, mas fazer representar operas, em Portugal, todos os annos é muito mais difficil ainda.

Está agora em scena no theatro do Principe Real uma comedia vaudeville franceza chamada o *Céreo de Granada*, em que um homem que faz uma peça com este titulo, corre seca e meca para conseguir fazel-a representar.

A *charge* franceza não é tanto *charge* como se pôde imaginar. Todo o artista que tem um trabalho feito, é capaz de ir ao inferno, de

discutir a promoção dos coroneis até, para que a sua obra appareça ao publico.

O nosso musico fez tudo o que se podia fazer, massou toda a gente, andou agarrado ás úbas das sobrecasacas de todos os empresarios lyricos de Portugal para que as suas operas fossem executadas.

Um dia enfim, alcançou pôr uma em scena. Foi uma ovação! É como quem tem sede beber um gôta d'agua. No cerebro por uma opera que saiu geraram-se mais cinco ou seis.

E onde pôl-as? onde apresental-as? Correu tudo, empenhou-se, gastou tudo o que tinha desde as solas até á saude e por fim, desanimando de ver repetirem-se-lhe as noites de gloria em Portugal, mettu-se a bordo d'um paquete, foi por ahi fóra, até ao Brazil, visto não ter podido ser propheta na sua terra. E lá continuou no mesmo trabalho continuo, infatigavel, despedaçador, e lá andava n'essa faina terrivel do artista, n'essa terrivel caça da gloria... mas por fim cançou-se, e caiu prostrado.

Os ultimos jornaes trouxeram-nos a lugubre noticia de, ter morrido no Rio de Janeiro o maestro portuguez Francisco de Sá Noronha.

Memento homo!

— A outra historia não é menos triste, mas é muito mais melindrosa: prende-se a ella um drama intimo de familia em que não é dado tocar.

Balthasar Radich, morreu, isto é acabou de morrer.

Principiara-o ha muito tempo, quando a loucura entrara n'aquelle cerebro e o atirára para uma cella de Ribhafolles, amarrado, com um collete de forças.

Desgraçado homem! Vimol-o ha pouco tempo, no Lumiar, uma tarde. Não era facil reconhecê-lo. A furia, essa excitação terrivel que ainda deixa algumas esperanças, desapparecera, e dera o lugar á imbecillidade, esse estado placido, tranquillo, mas medonho na sua tranquillidade que não tem remedio.

Estava magro, abatido, cadaverico, era uma sombra do que tinha sido, o corpo, que o espirito esse nem já sombra era, era uma treva, uma luz que se apagara.

O destino teve dô d'elle por fim, e acabou-lhe o pennar. Hoje dorme as suas primeiras noites descansadas, que as durma em paz!

— Foi collocada já a ultima pedra no monumento commemorativo de 1640, que se está erigindo no Passeio do Rocio.

O monumento olha para a Avenida, isto é quando elle tiver olhos e quando houver Avenida, e terá duas estatuas de bronze, que se estão fundindo agora, e que foram esculpturadas por dois dos nossos mais notaveis artistas, uma, symbolisando a Independencia é obra do sr. Alberto Nunes, a outra, symbolisando a Liberdade foi feita pelo sr. Simões de Almeida.

O monumento deve inaugurar-se no fim d'este anno, e como no dia que elle commemora as algemas caíram dos pulsos dos portuguezes, no dia em que elle se inaugurar, as grades cairão do Passeio Publico, com menos rhetorica, mas com grande proveito da população lisboeta.

Deus mande esse dia!

— Os ourives do Porto representaram ao governo contra a protecção que se dá actualmente á ourivesaria estrangeira, que tem invadido o mercado de Lisboa com grave prejuizo dos ourives portuguezes.

O governo decerto attenderá a reclamação no que ella tiver de justo. As artes nacionaes precisam muito da protecção dos governos e merecem que elles olhem com attenção e com solicitude para ellas.

— Temos ainda outra morte que registar n'esta chronica, uma morte que é o epilogo d'um drama vulgar, trivial, e a que o desenlace deu um tom de peça de Ducange.

Um soldado d'um regimento de Belem tinha amores com uma rapariga qualquer, uma coisa banal e vista, que se dá desde que ha soldados e raparigas. Um dia o soldado achou-se pae, e a mãe de seu filho exigia casamento.

O soldado não tinha dinheiro para permitir o luxo d'essa cerimonia, faltava-lhe o dinheiro e naturalmente tambem lhe não sobejava a vontade.

A mãe do seu filho dispensa-o por fim de lhe dar o seu nome, mas dispensa-o muito menos de lhe dar o dinheiro.

O soldado vê-se verdadeiramente em talas. O que fazer? Ao seu lado está um par de botas, um par de botas d'um seu companheiro de caserna. Dentro d'essas botas estava a tentação, estava mesmo o drama. Agarra n'ellas e va vendel-as, e dá o dinheiro á mãe de seu filho.

Mas depois do logar onde estavam as botas surge enorme o remorso.

«Ladrão!» diz-lhe a consciencia, «conselho de guerra» diz-lhe o codigo militar.

E elle aterrado, espavorido, procura por toda a caserna o seu camarada para lhe pedir perdão, para lhe jurar restituir-lhe as botas.

Mas a fatalidade e a ordem regimental tinham levado n'esse dia o tal companheiro roubado para uma guarda fóra do quartel.

«Ladrão» bradou-lhe novamente a consciencia.

«Conselho de guerra!» bradou-lhe novamente o codigo.

E elle desvairado, acobardado, querendo fugir ao remorso e ao castigo... mette duas balas nos miolos.

E de tão pouca coisa depende a vida d'um homem, d'um par de botas!

Ainda, se quizessemos ostentar latim e continuar em estylo sacro, muito improprio do tempo, poderíamos escrever:

Memento homo!

— Mau este latim tem enguiço. Nós a escrevermol-o e a chegar-nos a noticia d'outra morte. Agora é de Bemfica que ella nos vem, e já ha tempo que era esperada.

Falleceu o nobre e velho marquez de Fronteira, um militar valente e honrado um dos mais respeitaveis e respeitados restos da aristocacia *vieille roche* de Porugal. Tinha 79 annos. A sua casa de Bemfica era um pedaço de Faubourg Saint Germain.

O marquez de Fronteira era muito estimado e deixa umas memorias do seu tempo, ineditas, que dizem ser curiosissimas.

— Para distrahir, para alegrar um pouco, para não fecharmos com esta nota triste, façamos um passeio pelos theatros. Ahi festas e mais festas, beneficios de artistas muito estimados, peças novas de escriptores de muito talento.

D. Maria, beneficio de Joaquim d'Almeida, Gymnasio, beneficio de Maria das Dores e Augusto de Mello; Trindade, beneficio de Esther de Carvalho.

Mas, tudo isto é muito divertido, é muito alegre, mas é-nos defezo a nós. A secção theatral do OCCIDENTE protestaria contra nós, faria *meetings* até, que é o figurino da estação. Não podemos portanto entrar nos theatros: não passamos de ler os cartazes, o leitor se quizer, que vá ver os espectaculos.

GERVASIO LOBATO.

PINHAL DE LEIRIA

O pinhal nacional de Leiria demora 12 kilometros a O. da cidade d'este nome e occupa o littoral desde a foz do rio Liz até ao valle de Madelros. Tem 18 kilometros de comprimento, e 7 na maior largura; made a sua area perto de 12:000 hectares, dos quaes ainda falta arborisar uns 1:000 hectares dos dunas.

Pela sua vastidão e pelo valor das boas arvoredos que n'elle se criam, é o pinhal de Leiria a matta mais importante do paiz. A essencia florestal que o povoa quasi exclusivamente, é o pinheiro bravo ou marítimo, que é indigena de Portugal e ali vegeta admiravelmente, dando madeiras de excellente qualidade. Tambem abunda em medronheiros, carrasqueiros, folhados, samogueiros e outras plantas arborescentes, que crescem espontaneas e adquirem grande porte, formando algumas vezes verdadeiros bosques. Pela grandessa das suas arvores, vigor da vegetação, accidentado do terreno, efferece esta matta paisagens muito pittorescas, como é, entre muitas outras, a que o OCCIDENTE representa hoje em gravura. Não ha ainda muitos annos, encontravam-se no pinhal de

Leiria bastantes lobos e javalis, mas agora desapareceram de todo estes animais perigosos, por falta de grandes brenhas onde se acotem.

São consideráveis as utilidades que directa e indirectamente proveem d'este dilatado massiço de pinheiros. A grande fabrica de vidros da Marinha Grande deve ao pinhal de Leiria a sua existencia, porque só este lhe pode fornecer uns 30:000 esteiros de lenha necessarios á sua laboração. O mesmo succede com a Real Fabrica de Besinagem, que extrahê dos pinheiros toda a materia prima dos seus productos. A Marinha-Grande, a Vieira, Garcia, Cravide, Moito, Tatuas e muitas outras povoações que circumdam o pinhal, tiram d'elle grande proveito; além dos trabalhos florestaes que occupam muitos braços e gados, nos mezes em que escasseiam os trabalhos agricolas, os povos vão ali buscar gratuitamente lenhas meudas, matos, estrumes, vegetaes, etc. Todos os annos saem do pinhal muitos milhares de carradas de *corúmba* (folhagem secca de pinheiros) para adubo das terras, que são muito arenosas e fraqueiras e não produziriam se assim não fossem fertilizadas. Se o pinhal de Leiria desaparecesse, ficaria em seu lugar mais uma extensa charnoca improductiva e as povoações vizinhas teriam de viver pobremente ou de estabelecer-se em outros pontos, tão dependente está o seu bem estar da conservação d'esta rica matta.

Sendo tão evidentes as grandes vantagens que o pinhal de Leiria e havendo no nosso littoral tantas dunas e terrenos adequados á vegetação dos pinheiros, onde seria muito util a criação de grandes florestas resinosas, causa surpresa que algum dos nossos governos não tenha encetado com efficacia tão proficua empresa, que tendo de ser morosa, não exigiria de prompto grandes capitães.

A noticia que attribue a D. Diniz a fundação do pinhal de Leiria é hoje tida por inexacta; porque, segundo investigações mais rigorosas, a primitiva sementeira é obra de D. Sancho I.

C. A. DE SOUSA PIMENTEL.

UM MARTYR

É o titulo do quadro do pintor portuense Joaquim Victorino Ribeiro, de que o OCCIDENTE publica hoje a copia.

A simplicidade do assumpto está traduzida na singularidade da tela.

Uma unica figura, estendida no pavimento de uma casa, synthetisa os dramas sanguinolentos dos primeiros alvares do Christianismo.

Aquella cadaver, hirto, macilento, que deixa adivinhar na magreza das formas as privações voluntarias de uma vida asctica, e na placidez serena da phisionomia a resignação mystica das torturas do ultimo momento, aquelle martyr foi decerto arrebatado ao furor barbaro das multidões ou nos esphacelamentos horroresos do Circo, por um amigo, um crente da mesma religião, que o occultou ali, dando ao corpo uma posição composta, apoiando-lhe um braço no peito e cobrindo-lhe caridosamente o tronco com uma pelle de cabra, que lhe teria servido talvez de leito em muitas noites de agitada insomnia.

Na alvura da tunica negreja o rasgão do ferro que se aprofundou nas carnes d'aquelle corpo, e isso demonstra de per si o genero de martyrios a que o bem-aventurado succumbiu.

Eis descripto em dois traços o quadro que hoje faz parte da galeria do museu municipal da rua da Restauração.

Como se vê, o pintor idealisou a sua concepção artistica, deixando de a sujeitar a convencionalidades que poderiam tirar ao seu trabalho a originalidade que quiz imprimir-lhe e que se assentava principalmente n'aquella pelle de cabra com que cobrio parte do cadaver.

Quanto á execução, e sem descer a minudencias de critica, cujo rigor entre nós deve ser sempre suavizado, não só pelo meio restricto em que vivemos, como tambem pelo incentivo com que é util animar os poucos artistas que no nosso paiz produzem alguma coisa de bom — sobre esse ponto direi que a figura está bem desenhada e conscienciosamente estudada, e que na côr haça da carnacão, acha-se difinida com acerto a lividez cadaverica do corpo recém-morto.

O que podém produzir mais effeito é a côr amarella carregada, circundada de vermelho, da aureola byzantina que rodeia a cabeça da figura. As anuolias d'esse estylo, devem em rigor, ser douradas, mas ainda mesmo que o artista não quizesse dar-se o luxo d'essa ostentação no seu quadro, uma côr mais leve, mais diaphana, que fize-se sobresahir igualmente, como o pintor desejou, o perfil da cabeça, seria de um aspecto mais agradável e por ventura menos exagerado.

Poder-se-ha notar ainda o modo secco como a figura em geral está pintada e fazer-se mesmo um leve reparo na maneira como possuem os abundantes cabellos, cujo desalinho seria mais verdadeiro na situação em que o corpo se acha, mas essas objecções, por muito que se accentuem, nunca poderão diminuir o merecimento incontestavel do quadro de que se trata.

O rigor historico exigiria tambem que a tunica simplissima que veste o cadaver, tivesse a caracterização verdadeira da epoca, isto é, a *taliclave* ou a *augusticlave*, que como se sabe, era o ornato peculiar as tunicas dos primitivos christãos, como o patenteiam as pinturas das catacumbas de Roma.

Pondo porém de parte estes passageiros reparos, o observador, em presença da tela do sr. Victorino Ribeiro, encontra-lhe necessariamente qualidades que a distinguem como uma pintura de muito merito, a qual já teve a sua justa consagração na admissão ao salão de Paris, de 1879.

O sr. Victorino Ribeiro é filho do Porto. Alumno da Academia de Bellas Artes, revelou propensões tão felizes para a pintura, que alguns dos seus amigos e condiscipulos no louvavel intuito de lhe desenvolverem a vocação, promoveram-lhe um subsidio para poder ir aperfeiçoar-se no estrangeiro.

Dirigindo-se para Paris, cursou durante alguns annos, a Escola de Bellas Artes sob a direcção competentissima do notavel professor Cahanel, e graças ao estudo intelligente, a uma vontade decidida e á observação dos bons mestres, conseguiu alcançar um nome já considerado pelos trabalhos que tem produzido e de que é testemunho honroso o quadro de que venho de fallar.

Uma outra tela do mesmo artista, *Christo no tumulto*, figurou igualmente em um dos salões anteriores, e teve immediata venda em França.

De regresso ao seu paiz natal, a camara do Porto muito acertadamente fez aquisição do *Martyr*, que hoje se ostenta na galeria do museu municipal, onde, do pintores contemporaneos tambem existe já uma paizagem de Arthur Loureiro.

Concluindo; direi que Ribeiro, pelo seu talento é um artista de quem ha muito a esperar para o lustro das bellas-artes em Portugal.

Porto, 15 de fevereiro de 1881.

MANUEL M. RODRIGUES.

A ULTIMA ENCHENTE DO DOURO

A gravura que hoje publica esta folha, dá uma idéa perfeita das proporções que teve a enchente do Douro, produzida no principio d'este mez, pela constante invernia de algumas semanas e pelo derretimento da neve accumulada nas serranias agrestes da região atravessada por aquelle caudaloso rio.

O ponto de vista, tomado do fundo das escadas do Muro dos Bacalhoados, abrange toda a extensão da Ribeira, e o caudal que se destaca no primeiro plano, pôde, pela distancia a que fica da agua, dar a apreciação exacta da altura a que o rio subiu no dia 30 de Janeiro, que foi de 4 metros e 16 centimetros acima do colo da praia mar, levando a corrente uma velocidade de 13 milhas por hora.

Foi esse o dia em que as aguas attingiram uma maior elevação, faltando-lhes apenas cerca de um metro para alcançarem a altura que teve a memoravel cheia de 1850, a mais imponente d'estes ultimos tempos.

A enchente d'esto anno, além dos prejuizos que produziu pela inundação dos predios mais proximos das margens, assignalou-se por uma perda de maior vulto, a do vapor de rebocues *Bismark*, que arrebatando as amarras foi naufragar na Foz.

Não me detenho em divagações mais ou menos pittorescas sobre o aspecto que apresentavam as ruas encharcadas até aos primeiros andares, nem tão pouco traço na *pochade* mais ligeira os variados episodios a que o encharcamento do rio dava lugar.

Em compensação, prefiro rememorar ainda que rapidamente, as enchentes mais notaveis que se tem dado no Porto, e das quaes existem relações escriptas apenas desde 1526.

A cheia mais extraordinaria de que ha memoria, foi a de 5 de dezembro de 1739. Depois de um vendaval consecutivo de tres mezes, a agua subiu a tal altura, que o rio passou por cima do Muro, cobrindo todo o antigo forte da Porta Nova.

Entrou na igreja de Miragaya, na capella do Terceiro, e nos dormitorios, do lado da praia, do convento das freiras de Villa Nova de Gaya, chegou, na mesma villa, até acima da fonte do Cabegado, e cobriu a fonte da Ribeira até ao sitio onde estava lavrada a data da sua construção.

Um navio ficou encostado ao postigo da alfandega e outro ás casas de Miragaya, indo pela barra fora nove embarcações de alto bordo, das quaes cinco portuguezas. Em Gaya cahiu uma rua inteira de casas e houve outros estragos de vulto, tanto ali como no Porto. Os estragos causados por esta cheia, calcularam-se em 15 milhões de cruzados.

Em 28 de dezembro de 1727, o rio tomou taes proporções, que de cima do Muro se lhe tocava com a mão. Entrou, pela porta travessa, na igreja de Miragaya, inundou o convento de Villa Nova de Gaya e a igreja de Santa Mariinha, derrubou varios predios e absorveu na sua corrente a vida de mais de cem pessoas. Arrastou para a barra dois navios portuguezes e alguns estrangeiros, que se despedaçaram na costa, sendo os prejuizos causados por esta inundação avaliados em 150:000 cruzados.

As cheias de 1729, 1771 e 1779, foram igualmente consideraveis e as de 1526, 1585 e 1596, assustaram de tal modo a população, que em todas ellas, foi necessario trazer processionalmente ao Porto, a imagem do Senhor de Mattozinhos.

Em 1825 o crescimento do rio foi tal, que cobria quasi completamente a parte antiga do convento das freiras de Villa Nova de Gaya, obrigando a comunidade a edificar os novos dormitorios e mirantes superiores para n'elles se refugiarem as religiosas em occasiões identicas.

A cheia de setembro de 1763, motivada por continuadas chuvas, deu causa a uma grande proceissão ordenada pelo cabido da cathedral, acompanhando a imagem do Senhor d'Além todas as ordens religiosas, auctoridades, corpo militar, etc.

Em 10 de abril de 1769, uma nova enchente fez naufragar diversos navios que foram arrastados pela corrente, lançou por terra o Pelourinho e causou outros estragos de vulto.

Em breve será publicado no OCCIDENTE este quadro.

No dia 11 de dezembro de 1774, faltou apenas dez palmos para a agua chegar á altura da de 1739. Levou cinco navios, dos quaes um portuguez e além de outros destrosos arrasou alguns armazens de vinhos, calculando-se os prejuizos em tres milhões de cruzados.

A de dezembro de 1799, foi tambem quasi identica á de 1739, causando como aquella, gravissimas perdas.

A de 11 de janeiro de 1821 marcou uma epoca memoravel, principalmente pelas catastrophes e phenomenos que se deram nas vizinhanças do Rio Gorgo, em Cima do Muro.

A de 2 de fevereiro de 1823, maior que a de 1821, não foi contada tão desastrosa, passando a agua quatro metros acima da fonte do Cabegado, em Villa Nova.

A de 1829, levou na corrente a antiga ponte de barcas, muitas das quaes foram de encontro aos navios, produzindo-lhes algumas avarias. Coincidiu com essa enchente a entrada n'esta cidade do celebre João Branco, mandado de Lisboa pelo governo de D. Miguel para dar execução ás tyrannicas sentenças da Alçada, Chegado a Villa Nova de Gaya na quinta feira santa, 16 de abril, teve pela falta da ponte, de passar para o Porto em um barco pechado por quatorze remos.

Outra cheia succedida em novembro de 1837, obrigou tambem, pela força da corrente, a retirar a mesma ponte.

A de 1843 fez com que no dia 18 de fevereiro se abrisse á circulação, sem os festejos que se projectavam, a actual ponte pensil, em consequencia de no dia anterior se ter mandado desfazer a ponte de barcas.

Em 1855 houve duas enchentes, uma em fevereiro e outra em dezembro, causando aquella, além de outros prejuizos, a perda de tres navios.

Em 1856 saiu igualmente por duas vezes fora do seu leito o rio Douro, um janeiro e em dezembro do 1858 houve uma outra cheia maior do que aquellas.

Pincipalmente, além de outras que se succederam até hoje, a mais notavel foi a de 860, que tomou proporções extraordinarias, excedendo bastante a de 1823. A agua chegou ao principio da rua de S. João, havendo até recuo de alçancar o taboleiro da ponte pensil.

Ali ficam resenhadas as enchentes com que o Douro tem alastrado por vezes a parte baixa d'esta cidade, calculando-se por ellas os enormes prejuizos que tem causado, principalmente ao commercio e á navegação.

Porto, fevereiro de 1881.

MANUEL M. RODRIGUES.

CRUZ DE D. SANCHO I

No gabinete de numismatica de el-rei o sr. D. Luiz I existe a cruz de ouro com pedras preciosas, cuja gravura hoje apresentamos, que pela sua antiguidade e merecimento artistico, é digna de toda a attenção; e ainda mais, se olharmos ao desbarato que tem soffrido os valiosos objectos que outr'ora possuntos.

No testamento d'el-rei D. Sancho I, feito em 1209, acha-se o seguinte legado: «*Monasterio Sanctae Crucis ubi corpus meum sepelire tubeo mundo X. et meam capellam, et copam meam auri, ut faciant ex ea unam crucem, et unum calicem,*» etc. A cruz ali mencionada é sem duvida a de que tratamos, como se prova pela inscripção gravada n'ella:

Tambem alguns historiadores portuguezes, entre estes Nicolau de Santa Maria na Chronica dos conegos regrantes de S. Agostinho, fazendo menção d'esta cruz, comprovam a sua identidade, dando d'ella a seguinte historia.

Quando em 1128 D. Affonso Henriques saiu ao encontro de seu primo Affonso VII de Castella, e lhe deu batalha na Veiga de Val de Vez, obteve entre outros despojos uma grande reliquia do santo lenho, que depositou na igreja da Grade, distante uma legua do logar da victoria. D'ella tirou o nosso heroe uma boa parte para si, que trazia em uma cruz de ouro, a qual depois deu ao seu confessor S. Theotónio, para lhe servir de cruz pectoral nos pontificaes.

Foi d'esta cruz que mais tarde se tirou o santo lenho e se poz na «cruz grande de ouro e pedras preciosas que deu el-rei D. Sancho I, d'onde passou para a cruz pequena portatil que chamam dos Anjos» (Nic. de S. Mar. Chron. Tom. 2.º, pag. 74), isto em Santa Cruz de Coimbra, onde julgo ainda hoje existir. Tambem da cruz de D. Sancho se faz curiosa menção nas chronicas breves que A. Herculano publicou nos *Monumentos Historicos*, onde lemos a pag. 24 da parte *Scriptores*: «*O muy noble Rey don Sancho, que jaz em o mosteiro da virtuosa cruz, pos aqui huma cruz d'ouro com algumas pedras de virtude, e em o meo da cruz do lenho em que se se christo nosso redemptor. E deste lenho fartaron muyto.*» Igualmente confirma sua identidade, a comparação do peso antigo com o actual. Nic. de S. Maria (ibid. pag. 66) diz: «*A cruz de ouro que deu ao Mosteiro El-Rei D. Sancho I, que tem de peso sete marcos, e seis onças de ouro (1778 e meia grammas) afóra as pedras finas de que está guarnecida,*» etc. Ora seu peso actualmente é de 1:873 e meia grammas ¹ ou 95 grammas a mais; differença devida ao tocoo addicionalmente de prata que lhe pozeram, para servir hestada processionalmente.

A sua forma é floretada como a de Aviz; na primitiva devia ter 50 centimetros de altura por 35 de lar-

¹ Entre uns apontamentos que nos cedeu francamente o sr. dr. Teixeira de Aragão, ha um do peso e avaliação da cruz, feito na casa da moeda, onde consta do respectivo livro, que ella tem oito marcos, uma onça e duas e meia oitavas; (1:873 e meia grammas) a que abatendo quatro onças e duas e meia oitavas, da prata dourada e das pedras que a guarnecem, fica liquido sete marcos e 5 onças, pouco mais ou menos, no valor de 1:100\$039 réis.

BELLAS-ARTES



Um MARTYR — Quadro de J. Victorino Ribeiro, pertencente ao Museu Municipal do Porto (segundo uma photographia)

gura; porém hoje tem mais 11 centímetros de altura, proveniente do referido adição. A face principal é toda ornada de pedras preciosas, filigrana e ornatos abertos a buril. As pedras em numero de 41, ou 28 saphiras e 13 rubins, são parte d'ellas cercadas de perolas e aljofares, cravados em sobrepostos de filigrana. São de maior grandeza os 13 rubins e 4 saphiras; e das

perolas, 22 propriamente ditas, e 60 aljofares. Pelos signaes da cravação percebe-se que lhe faltam 18 pequenas pedras ou perolas. Em 5 dos rubins maiores acham-se gravados caracteres arabicos ou talismans, (certamente as pedras de virtude que nota a chronica breve) e entre estes, dois são figuras de animas muito imperfeitas. É provavel que taes pedras ornassem a copa que D. San-

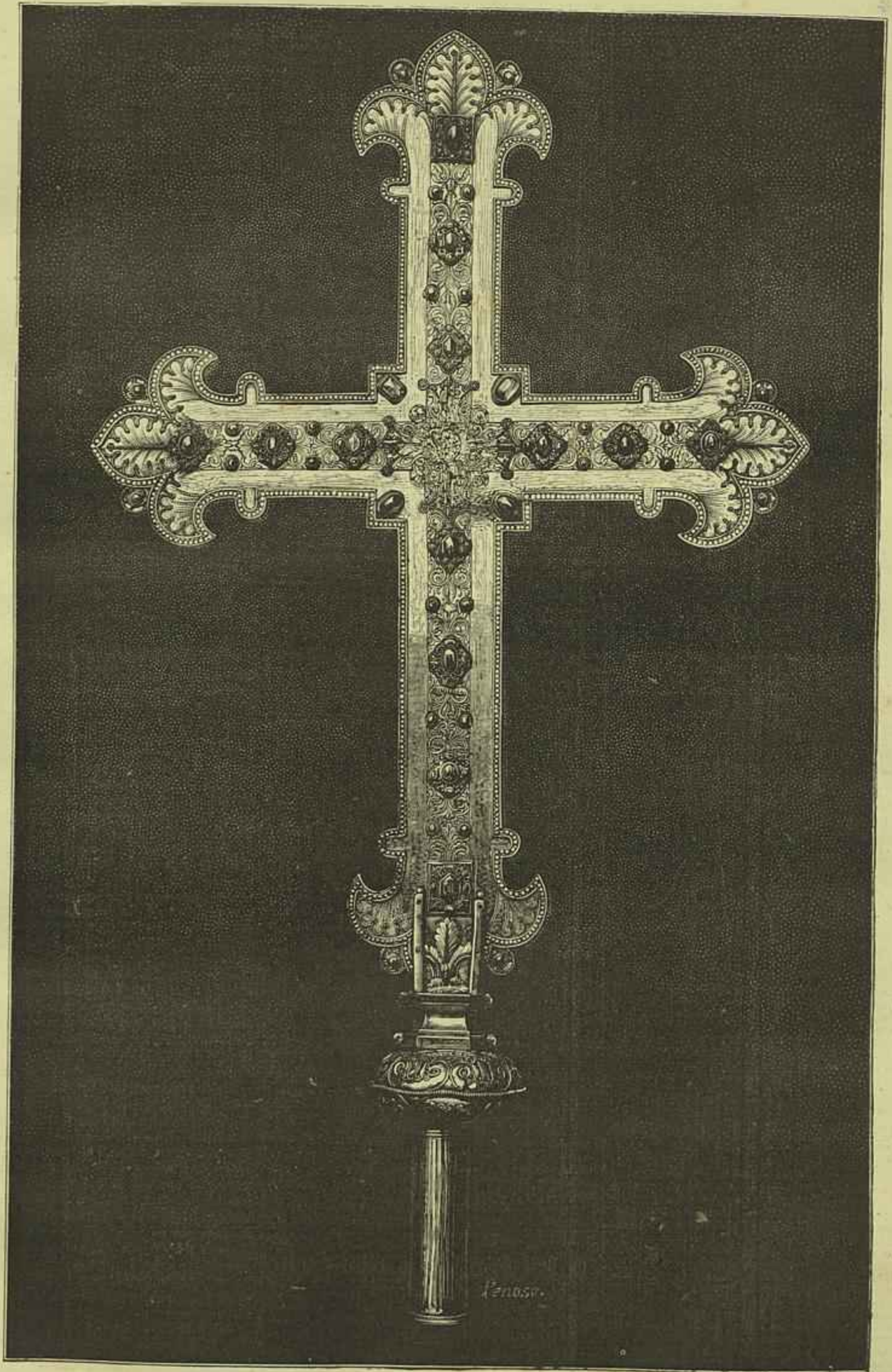
cho doou para factura da cruz, e não menos provavel que essa copa houvesse pertencido aos mouros, cujos despojos nossos reis tantas vezes alcançaram.

No centro da cruz conhece-se distinctamente o logar em que existiu o santo lenho, porque mostra ter sido arrancado com violencia o relicario e a forma de cruz, que o continha.

INUNDAÇÕES NO DOURO



PORTO — ASPECTO DA RIBEIRA POR OCCASIÃO DA ÚLTIMA CHEIA (Desenho do natural por José de Brito)



CRUZ DE D. SANCHO I — Museu Real da Ajuda (segundo uma photographia de Laurent)

No reverso está a inscrição que aqui juntamos, prejudicada na ultima linha (a data), por se acharem as letras finas cobertas com a extremidade da peça de prata, que ali brutalmente sobrepozera e cravaram. Contudo, depois de algum trabalho, podemos aliviar a dita extremidade, conseguindo vêr com difficuldade duas letras, pelo que a data, que até hoje se julgou ser M.CC.XII, é evidentemente M.CC.XIII. N'esta face da cruz, ao centro e den-

ONS
SAN
CIV
REX
IVS
SIT
FIC
RI
KAC
ARO
ICAR
PATI
OIS



tro de um circulo, está gravado o *Agnus Dei*; e nas extremidades os symbolos dos quatro evangelistas, anjo, aguilha, leão e touro alados, tudo gravado a buril, bem como os mais ornatos.

Esta cruz, finalmente, é um dos monumentos de ourivesaria nacional, cuja historia mais se aproxima do berço da monarchia.

Rodrigo V. d'ALMEIDA.

PAÇOS DO CONCELHO DA ILHA DE S. VICENTE

O edificio que a nossa gravura representa é um dos mais importantes da cidade do Mindello na ilha de S. Vicente e o palacio municipal mais amplo, majestoso e elegante que ha no archipelago de Cabo Verde.

Foi começado a construir em agosto de 1862, mas em pouco tempo teve que ficar interrompida a edificação por motivo da falta de meios pecuniarios, produzida por uma grave crise economica que a provincia atravessou.

Em 1871, sob o energico impulso que ás obras publicas imprimiu o sr. Gaetano d'Almeida e Albuquerque, então governador geral da provincia, continuaram activamente os trabalhos dos Paços do Concelho sob a direcção do habil engenheiro, o sr. A. P. de Miranda Montenegro, e vieram a concluir-se em 1874.

O edificio é vasto e accomoda todas as repartições municipaes, a administração do concelho, a da fazenda, o tribunal judicial e uma escola de instrução primaria. No pavimento inferior está também estabelecida a cadeia civil.

A cidade do Mindello, conquanto pequena em extensão, offerece um bonito aspecto e tem hoje bastante importância commercial, que lhe dão a sua posição geographica e a segurança do seu porto, condições a que deveu o estabelecimento dos depositos de carvão n'ella existentes e que tem sido a origem da sua crescente prosperidade. Está assente á beira do denominado Porto Grande, o melhor da ilha e de todo o archipelago, e um dos mais seguros que se conhecem. É elle bastante amplo, e deve a perfeita segurança, que offerece aos navios, á circumstancia de ser completamente fechado pela ilha de S. Antão que, estendida em frente da sua abertura, lhe serve de quebra-mar e o abriga com alterosas montanhas contra o vento de N.O., protegendo-o de todos os outros os montes da propria ilha de S. Vicente. Tem excellentes fundo e pôde dar ancoradouro, em todas as quadras do anno e em todas as condições de tempo, a cento e cincoenta ou mais navios de alto bordo.

São de sua natureza obvias as vantagens que a ilha tinha a colher das boas qualidades d'aquelle porto, que não previdente parece ter adrede collocado, para abrigo seguro, n'uma posição geographica em que se encontram as linhas das navegações entre a Europa e os portos da Africa e da America.

E, no entanto, permaneceram desaproveitados durante séculos os beneficios que derivam de tão excellentes condições, acresentadas ainda com o facto de ser a ilha de S. Vicente bastante salubre e o seu clima bem tolerado pelos Europeus.

Por muitas vezes houve tentativas dos poderes publicos para conseguirem que se povoasse a ilha, que só era abordada para pescas e salgas de peixe e para caçadas de jumentos e cabras bravas, servindo também o Porto Grande, muitas vezes, de refugio aos piratas que infestavam aquelle mar. Essas tentativas officiaes ficaram sempre sem resultado e só a do marquez de Sá da Bandeira (então visconde) logrou o deixar ali o nucleo persistente que, desenvolvendo-se mais tarde, veio a tomar as proporções que actualmente apresenta a cidade do Mindello.

Por decreto de 11 de junho de 1838, referendado por aquelle estadista, ordenou-se que se effectuasse a transferencia para a ilha de S. Vicente, da capital de provincia, que era e é ainda hoje na ilha de S. Thiago, e que á povoação que se fundasse se desse o nome de Mindello. A transferencia foi depois indefinidamente adiada, pelas difficuldades que se oppunham á sua realisação.

Foi, porém, em 1859 que raiou a aurora da prosperidade para a ilha de S. Vicente, com o apparecimento dos vapores da *Royal Mail* da carreira do Brazil. Estabeleceu-se logo ali um deposito de carvão de pedra para que aquelles barcos, na sua passagem, se refizessem de combustível.

Não tardou que o consideravel augmento da navegação a vapor, fizesse d'aquelle porto um obrigado ponto de escala para abastecimento do combustível. A concorrência de navios foi promovendo o augmento da povoação e a sua prosperidade.

A povoação do Mindello foi elevada á categoria de villa em 1858 e á de cidade em 1878.

A ilha de S. Vicente tinha em 1879 uma população de 3:747 habitantes, sendo 3:497 naturaes do paiz, 196 do reino e ilhas adjacentes e 114 estrangeiros, e sendo 1:981 do sexo masculino e 1:736 do feminino.

Esta população está distribuida por 911 fogos e concentra-se na cidade do Mindello. No interior apenas se vêem pequenissimos povoados.

Tem a cidade 1 praça, 5 largos, 27 ruas, 11 travessas, 1 becco e 2 pateos.

O movimento do porto é muito consideravel. Em 1879 houve n'ello 1:265 entradas de navios. Foram: 35 de vasos de guerra (31 a vapor e 4 de vela); 669 de navios mercantes de longo curso, (182 a vapor e 187 de vela); 591 de embarcações de cabotagem.

São dois ali hoje os depositos de carvão de pedra para fornecimento dos navios, com suas pontes de embarque, vapores de reboque e officinas de reparações. O mais antigo e mais vasto pertence á firma commercial Miller & Nephew, o mais recente é da casa Cory Brothers & C.^a. São dos mais importantes e bem dirigidos que os navegadores conhecem. A toda a hora do dia ou da noite que ali chegue um vapor, pôde receber de prompto o carvão de que precisa.

Também contribuiu para dar importância á ilha o estabelecimento n'ella em 1874 uma estação telegraphica do cabo sub-marino da companhia *Brazilian Submarine Telegraph*.

Além dos Paços do Concelho, os principaes edificios da ilha são a casa da alfandega, a igreja de Nossa Senhora da Luz, o quartel militar e o palacio do governo. Deu-lhes principio a energica iniciativa de um dos seus mais benemeritos governadores da provincia, o sr. Sebastião Calheiros de Menezes, auxiliada pelo sr. visconde de S. Jannario, que era então ali o director das obras publicas e que depois, como governador interino, continuou os melhoramentos iniciados pelo sr. Calheiros.

J. CEZARIO DE LACERDA.

UM DESENHO INEDITO DE BARBOSA LIMA

(Conclusão)

MONUMENTO DE THOMAR

— Barbosa Lima (respondia-nos um dia d'estes Manuel de Macedo ao consultarmos-lhe o seu voto competentissimo ácerca dos desenhos

do nosso artista), Barbosa Lima avantajou-se a todos quantos o precederam no desenho para gravura. D'elle se pôde affirmar que foi para esta especialidade o que fôra para a lithographia outro artista de elevado merito, com quem o nosso biographado apresenta mais de um ponto de contacto: João Pedro Monteiro. 'Possuindo, verdade é, menos originalidade do que este ultimo, Barbosa Lima soube, comtudo, polir o seu estylo e afastar-se das maneiras affectadas. Se não encontramos nos seus desenhos de architectura, aliás correctos e finos, a profundidade e magia de claro-escuro que se nota nos trabalhos de Monteiro, conseguiu entretanto Barbosa Lima vêr melhor do que este a paisagem, chegando mesmo a interpretá-la com mais verdade do que todos os artistas seus contemporaneos.

O que elle valia já em tão verdes annos dá elementos para presuppor quanto de seus recursos se deveria ainda esperar, se tão cedo a fatalidade o não roubasse ás lides artisticas.

De compleição debil e franzina, Barbosa Lima tinha estampado na expressão meiga e suavemente melancolica da sua physionomia aquelle cunho caracteristico, embora indefinivel, que se não explica mas que se sente, e de que Millevoye soube tão poeticamente repassar uma das mais mimosas de suas lindissimas elegias.

Quer dizer: transluzia n'elle aquelle conjunto de factores, não só physionomicos mas inclusivamente psychologicos, — commum, de resto, á maioria dos individuos que nascem com predisposição para a tuberculose.

Barbosa Lima não pudéra resistir ao contínuo labor em que se esalfava já desenhando, já lithographando, já ensinando por collegios ou por casas particulares, e nunca desaproveitando um meio sequer de grangear nobremente pelo trabalho honrado os meios de subsistencia.

Caiu afinal prostrado no leito da doença.

Uma tarde foi Gaetano Alberto visitá-lo, Gaetano Alberto que travára com elle relações de amizade estreitissima em casa de Nogueira da Silva.

Encontrou-o a phantasiar projectos aureos, a devanear futuros ridentissimos.

Todo elle era esperanças, toda confiança no porvir.

— Estou melhor, muito melhor (dizia-lhe); na primavera havemos de ir com as familias fazer um *pic-nic* ao Alfeite. Que alegria, Alberto! que festa que ha de ser!

No dia seguinte... apagava-se do numero dos vivos o vulto sympathico de Barbosa Lima.

Era isto aos 9 de outubro de 1867 — data que ficou entre nós memoravel pela inauguração do monumento com que Lisboa pagou ao cantor dos *Lusiadas* a sua divida de tres seculos.

Com vinte e seis annos de idade e um nome notavel já na carreira artistica, Barbosa Lima extenuado de trabalho, e devorado talvez pela sede de gloria que internamente o consumia qual chamma intensa, deixára pender a cabeça no travesseiro do tumulo.

Era a primeira vez que descansava.

A existencia correra-lhe sempre accidentada e tormentosa. Quando não foram as angustias da fome, foram as fadigas improbas do labutar constante; n'estas encontrou elle o ensejo de conquistar um nome distincto entre os nossos artistas; n'estas se lhe deparou o meio de occorrer ás necessidades materiaes da vida, ganhando o pão quotidiano para si e para sua idolatrada esposa, — uma gentil dama por quem doidamente se apaixonára, e cujo retrato costumava ter sempre defronte de si na mesa do trabalho; n'estas affim se lhe topou a causa prima da enfermidade incuravel, que em curto espaço de tempo o despenhou na sepultura.

Pobre Barbosa Lima!

A Empreza do OCCIDENTE, publicando o retrato do sympathico artista, presta merecido

Havia alli uma menina que estava doente e eu era o medico que a vinha tratar.

Revesti-me de toda a minha seriedade, abri a porta e entrei no quarto no meio de uma explosão de risadas mal contidas. Não me desconcertei. Estou habituado a supportar este genero de comico.

A um lado do quarto havia um berço perfeitamente arranjado e dentro d'elle, mettida na roupa da cama e com a dobra do lençol correctamente feita, estava minha filha mais nova fingindo-se pacientemente doente e deixando-se tractar com todos os cuidados pelas suas numerosas enfermeiras.

Puxei gravemente, como um doutor que estava sendo, uma cadeira para junto do berço, sentei-me circumspectamente e perguntei um pouco ao acaso para o rancho:

— Então que tem a menina?

Minha filha mais velha aproximou-se contendo a custo o riso e disse-me:

— A menina, senhor doutor, está muito doentinha, não sei o que tem... veja o sr. doutor. Era minha filha mais velha quem fazia de mãe.

— Pois, minha senhora, repliquei eu couraçando-me cada vez mais na minha gravidade. Eu preciso que V. Ex.^a me dê as mais minuciosas informações acerca da doença de sua filha, visto que ella ainda não sabe explicar-se. Precisamos de a curar, porque a primeira boa qualidade de uma menina é ter saude e brincar. Diga-me portanto V. Ex.^a primeiro: Ha que tempos começou sua filha a dar signaes de que estava doente?

— Desde hoje de manhã...

— Ó papá, interrompeu uma das traquinas mais novas não me toman-do o papel a serio; olhe que nós compramos um porco...

Uma salva de risadas estridulas respondeu a esta disparatada interrupção.

— Logo veremos o porco, atalhei eu para salvar a situação... Mas diga-me, minha senhora, continuei dirigindo-me á mais velha, sua filha queixa-se de que lhe doe alguma cousa, tem fastio?

— Sim, senhor, tem fastio e diz que lhe doe a cabeça.

— Muito bem, já temos algumas indicações. Vamos a vêr se ella tem febre... V. Ex.^a sabe conhecer se sua filha tem febre?

— Não, senhor, não sei.

— Pois é facil. Toma-se assim o pulso á criança, até se sentir debaixo d'estes dedos uns saltos como as pancadas de um relógio. Depois colloca a gente os dedos da outra mão aqui nas fontes da propria cabeça, como eu faço, até sentir debaixo tambem dos dedos d'essa mão uns saltos semelhantes aos do pulso do doente. Depois comparam-se os saltos das fontes da cabeça com os saltos do pulso do doente e se estes saltos são mais rapidos e irregulares a criança tem febre. Ora tome lá V. Ex.^a o pulso a sua filha e diga-me depois se ella tem febre.

— E temos alli muitas chouriças, muitas chouriças, disse ainda a que já me interrompera para me annunciar a compra do porco collocando-se-me entre os joelhos e aba-

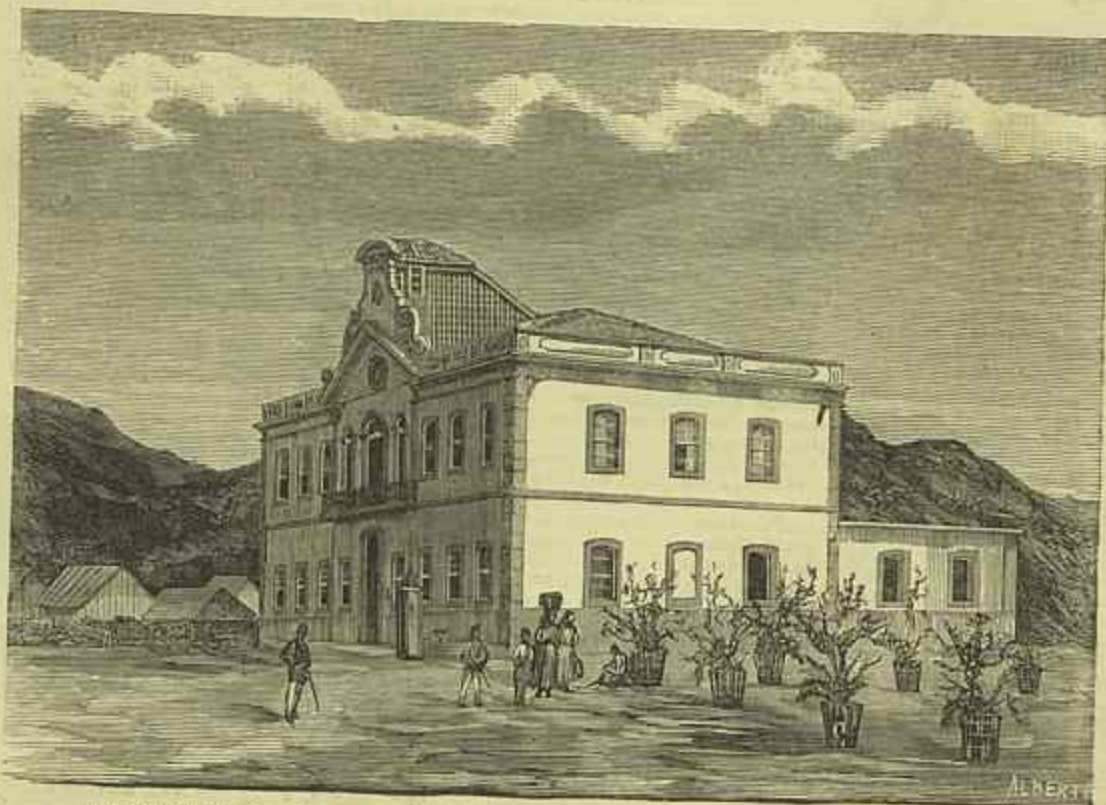
nando-me um braço para me forçar a attenção.

— Deixa o sr. doutor; não vêes que veio visitar a mana que está doente?... reprehendeu minha filha mais velha com entôno maternal.

— Então mataram porco?

— É verdade matamos um porco, olhe, elle lá está dependurado, e temos alli muitas chouriças e vamos tomar café e fazer uma merenda, e a Guilherminasinha é a nossa cozinheira e temos um fogão... e tudo! disse n'uma esfuçada de palayras, com uma grande volubidade de gestos e de olhares confirmativos, n'um acenar abundante e espalhado a traquinas incorrigivel que me annunciara a matança do porco, satisféssima por eu afinal lhe ter dado attenção.

O porco era uma esmurrada cabeça de um veado de louça barata dependurada de um prego para representar este infimo papel de cevado, e as chouriças eram de papel e exhibiam-se pendentes ao longo de uma linha estendida a todo o comprimento do quarto e



CABO-VERDE — PAÇOS DO CONCELHO DA ILHA DE S. VICENTE (segundo uma photographia)

presa pelas extremidades ás costas de duas cadeiras.

— Sim, senhoras, muito bem, disse eu admirado de tanta abundancia caseira. Não lhes falta nada: porco, chouriças, biscoitos, hortaliça, pão... uma riqueza! Mas vamos ao que aqui me trouxe. Sua filha, minha senhora, não está doente, mas pode adoecer se continuar a estar n'este quarto assim fechada com pouco ar e com pouca luz para tanta gente. Eu, como medico, aconselho-as a que vão dar um passeio até á praia. Está um bonito dia. Escuso de lhe recomendar que a doente tambem deve ir. Eu encargo-me de a levar pela mão, ou mesmo ao collo, se fôr preciso. Vá, vamos todos até á praia.

— Vamos á praia, vamos á praia!... repetiu em côro o alegre bando n'uma algazarra e n'um reboliço indiscriptiveis.

A doente abandonou immediatamente o papel que estava representando tão conscienciosamente, saltou para fóra do berço e não mais me largou.

(Continua)

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

O CALOIRO, folha semanal publicada em Lisboa, representante da classe academica á qual desejamos prospero futuro.

ALBUM DO SERRALHEIRO, n.^{os} 1 e 2 publicação quinzenal feita no Porto. Este periodico, que tende a preencher uma lacuna nas artes de ornamentação, seria ainda mais util se não fosse tão restricto e incompleto.

PLUTARCO PORTUGUEZ, *collecção de retratos e biographias dos principaes vultos historicos da civilisação portugueza, desenhos de Julio Costa e phototypias de Emilio Biel etc.*, fasciculo X, traz o retrato de Bocage e uma biographia escripta pelo sr. Theophilo Braga. Esta publicação por fasciculos é uma bella empresa, que desejamos e esperamos ver conduzida e completada conforme as necessidades artisticas e litterarias da epoca.

A BARRA NEGRA, *sob o ponto de vista da civilisação d'Africa. Usos e costumes de alguns povos gentilicos do interior de Mossamedes e as colonias portuguezas por A. F. Nogueira. Lisboa, typ. Nova Minerva, 150, Rua Nova da Palma, 154, 1881, 8 de 315 pag.* N'este pequeno volume como se vê do titulo, trata o author de coisas muito complexas e que não podem resumir-se n'uma rapida analyse. Entrando primeiro o auctor pelos dominios da anthropologia, tenta estabelecer uma quasi egualdade de qualidades entre o homem branco e o negro, embora o cerebro d'este pese menos do que o d'aquelle, e o seu craneo não attinja rasavelmente as dimensões do primeiro; assenta por argumentos que vai buscar a todos os anthropologistas, que a raça negra é mais moderna que a branca, o este ponto parece-nos ainda não se poder assegurar nada de positivo, por não haver estudos geologicos sufficientes

que nos proveem esta asserção, que aliaz não temos duvida de aceitar. Depois passando ao estado actual da civilisação da Africa tenta provar que o negro progrediu e tem progredido e se tem civilisado independentemente da acção do branco, e até parece n'uma ou n'outra parte inclinar-se á opinião de que esta tem produzido n'elle um effeito contrario. Poderá n'uma ou n'outra parte ser assim, mas quando o infante D. Henrique o especialmente D. João II e D. Manuel, mandaram vir da Africa os filhos dos seus reis, os tratavam como parentes, os faziam educar e ensinar, e os reenviavam depois á sua patria regalados e presenteados, consignando-lhes terras e pensões nas suas terras, de certos lhes não davam maus exemplos. Os brancos nem sempre tem sido inimigos dos negros. A descripção dos costumes dos negros em que transparecem algumas idéas do justo, é bastante interessante, mas é forçosa advertir que nem todos os povos d'Africa tem costumes eguaes áquelles entre os quaes o auctor viveu. As viagens do Stanley, Serpa Pinto, Capello e Ivens e outros dão-nos exemplos d'isso.

Resumindo na ultima parte as suas idéas acerca da administração das colonias, que não poude tratar tão diffusamente como desejava, apresenta conselhos dignos de serem attendidos e estudados.

O livro do sr. Nogueira, nascido de um desejo humanitario e patriótico é um bom pregão a favor dos povos africanos, e um chamamento de todas as attensões para os negocios colonias, que devem ser o aneio de todos os portuguezes.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

... Saudade! mysterioso Numen que aviventas corações.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6